

**INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS DO GRUPO
INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA:
VYGOTSKY E A LINGUAGEM ESCRITA**

***THEORETICAL INTERLOCUTIONS OF THE INTERDISCIPLINARY
RESEARCH GROUP IN DISTANCE EDUCATION: VYGOTSKY AND THE
WRITTEN LANGUAGE***

BODNAR, Maria de Lourdes¹
BATISTA, Erlinda Martins Batista²

Resumo: Este artigo enfoca os estudos ocorridos durante os anos de 2017 e 2018, no âmbito do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Educação a Distância – GINPEAD, cuja temática é a formação docente na modalidade da educação a distância. Com o objetivo geral de analisar a teoria de Vygotsky (2004) sobre a pré-história da linguagem escrita, foi desenvolvido na perspectiva metodológica de estudo qualitativo em educação conforme as ideias de Lüdke e André (1986). As discussões teóricas foram desenvolvidas no método materialista histórico e dialético, e evidenciaram que a aprendizagem da linguagem escrita se origina em treinamento artificial - nos desenhos das letras - cuja metodologia pedagógica carece a atenção e esforço do educador e do educando.

Palavras-chave: GINPEAD. Linguagem escrita. Educação a Distância. Vygotsky.

Abstract: This article focuses on the studies that took place during the years 2017 and 2018, within the scope of the Interdisciplinary Group of Research in Distance Education - GINPEAD, whose theme is teacher training in the modality of distance education. With the general objective of analyzing Vygotsky's (2003) theory on the prehistory of written language, it was developed in the methodological perspective of qualitative study in education according to the ideas of Lüdke and André (1986). The theoretical discussions were developed in the historical and dialectical materialist method, and evidenced that the learning of the written language originates in artificial training - in the drawings of the letters - whose pedagogical methodology lacks the attention and effort of the educator and the student.

Keywords: GINPEAD. Written language. Distance Education. Vygotsky.

¹ Professora da Escola Estadual Irma Edith Coelho Netto e membro do GINPEAD desde sua origem em 2014.

² Docente da Universidade para o Desenvolvimento do Pantanal – UNIDERP/ANHANGUERA, e Coordenadora do GINPEAD. Tutora Presencial do Curso de Pós-graduação *lato sensu* em Mídias ofertado pela Secretaria Especial de Educação a Distância e Formação de Professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – SEDFOR/FAED/UFMS. Revisora de artigos científicos da ABED/2017 e 2018.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os estudos da teoria de Vygotsky (2007) ocorridos nos contextos de reuniões do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudo em Educação a Distância - GINPEAD³ nos anos de 2017 e 2018. Teve como objetivo geral analisar a construção da linguagem escrita pela criança a partir da pré-história da linguagem escrita. Entre outros objetivos específicos; pretendeu-se estudar a teoria Vygotskiniana no âmbito do GINPEAD, grupo criado em 2014 e, contribuir tanto para o trabalho pedagógico de professores da educação básica, membros do Grupo, quanto para os estudos acadêmicos aprofundados da teoria de Vygotsky (2003, 2007).

Tais estudos foram desenvolvidos na perspectiva metodológica qualitativa conforme as ideias de Lüdke e André (1986) segundo as quais o papel do pesquisador é realizar estudos qualitativos a fim de embasar decisões em contextos escolares públicos que possam provocar mudanças na realidade pedagógica e ou educativa observada. Além dessa abordagem, as discussões teóricas desenvolvidas se pautaram pelo método materialista histórico e dialético o qual é evidenciado nos estudos críticos de Vygotsky (2007) aos teóricos de sua época.

Lev Semenovich Vygotsky foi um psicólogo russo do início do século XX, que ligou a psicologia à pedagogia. Suas ideias e conceitos inovadores em pedagogia e psicologia foram além do seu tempo. Ele não é o autor de metodologia, porém seus estudos e observações teóricas constituíram a base dos sistemas práticos para estudos sobre a aprendizagem. Os estudos iniciados por Vygotsky foram continuados por seus discípulos e seguidores, como Luria e Leontiev, dando-lhes aplicação prática.

Em sua obra: “A formação social da mente” reeditado e publicado pela Martins Fontes (2007), Vygotsky (2007) escreveu um capítulo que trata a pré-história da linguagem escrita. Esse tema tornou-se especialmente relevante para a atualidade, tendo em vista que ainda hoje os professores da educação básica enfrentam dificuldades na alfabetização das crianças especiais ou não. O autor fundamentou sua teoria em Baldwin, Buhler, Sully (1895), Luria (1929), Burt (1917), Hetzer (1926) e Wurth (referência não disponível na obra consultada: Formação Social da Mente).

Antes de entrar na interlocação com Vygotsky sobre a pré-história da linguagem escrita, faz-se a seguir uma breve interlocação sobre os processos da linguagem na criança.

³ Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos em Educação a Distância – GINPEAD.
REVELLI v.10 n.2. Junho/2018. p. 225 -239. ISSN 1984 – 6576.
Dossiê Estudos de Linguagem e Interculturalidade

2. Desenvolvimento

2.1 Vygotsky e uma leitura breve dos estudos da linguagem

Apresenta-se, nesse subitem, um breve recorte da teoria Vygotskyniana dos estudos da linguagem, com o objetivo de fundamentar as análises dos processos comunicacionais e de interação que ocorrem em contextos de aprendizagem a distância em particular dos cursos de formação de professores como a pedagogia, sobre cujo objeto o GINPEAD tem se debruçado.

Embora Vygotsky tenha realizado os seus estudos sobre o pensamento e a linguagem numa época em que não havia comunicação virtual, nem tampouco ambientes de educação a distância como os virtuais de aprendizagem, existentes atualmente, seu pensamento e os seus postulados a respeito do desenvolvimento do sujeito – a partir dos processos cognitivos ancorados na ontogênese e nas relações sociais – são adequados para o tratamento das relações de interação que ocorrem nos ambientes educativos, sejam *on-line* ou presenciais.

O olhar das relações sociais comunicativas virtuais, em convergência com a teoria sócio-histórica, faz-se na medida em que Vygotsky (2001, p. 63) concebe o processo de desenvolvimento com base na hipótese de que “a função primária da linguagem é comunicar, relacionar socialmente, influenciar os circundantes tanto do lado dos adultos, quanto do lado da criança”.

Adotado tal pensamento, a linguagem favorece a aprendizagem dos indivíduos, porque é a partir dessa que os estudantes, numa situação didática, realizam uma influência mútua entre si e entre os demais participantes nos processos comunicativos ou interativos que ocorrem em contextos escolares.

O pensamento de Vygotsky (2008) sobre a interação social realizada a partir da linguagem, como um dos elementos do meio, contribui para o estudo da comunicação interativa em cotidiano escolar. Os instrumentos utilizados na realização de atividades são os elementos que compõem o meio de interação social, utilizado pela(o)s estudantes, e professora(e)s. Portanto, a comunicação entre esses sujeitos possibilita o estabelecimento de relações sociais que continuam sendo discutidas no contexto acadêmico, nas pesquisas e ainda relevante para a educação atual.

Para a adequação da obra de Vygotsky aos contextos contemporâneos, faz-se conveniente compreender os movimentos e as pesquisas realizados pelo autor e sua equipe. Seu grupo de trabalho pesquisou o desenvolvimento da criança no contexto de uma ciência denominada “psicologia em crise”, na Rússia, pós-revolução de 1917. Os embates entre as

ciências materialistas e naturalistas faziam parte das discussões sobre as ciências e a psicologia à época.

Luria (1988), da equipe Vygotskyniana, relata que os estudos sofreram influências das ideias de Marx, na medida em que o teórico citado afirmava que o pensamento sobre determinada atividade já existia na mente antes de a ação ser realizada.

Vygotsky concluiu que:

[...] a origem das formas superiores de comportamento consciente deveriam ser achadas nas relações sociais que o indivíduo mantém com o mundo exterior. Mas o homem não é apenas um produto de seu ambiente, é também um agente ativo no processo de criação deste meio. O abismo existente entre as explicações científicas e naturais dos processos elementares e as descrições mentalistas dos processos complexos não pode ser transposto até que possamos descobrir o meio pelo qual os processos naturais, como a maturação física, e os mecanismos sensoriais se entrelaçam aos processos culturalmente determinados para produzir as funções psicológicas dos adultos. (LURIA, 1988, p: 25-26).

Os estudos citados por Luria (1988) tinham, como necessidade, um movimento de reflexão para fora do organismo com o objetivo de encontrar as fontes das formas humanas de atividade psicológica. Esse método de estudo foi chamado por Vygotsky de estudo da psicologia “cultural”, “histórica” ou “instrumental” (LURIA, 1988, p.26).

A característica “instrumental” (IDEM) dessa nova psicologia relaciona-se ao aspecto natural mediador “de todas as funções psicológicas complexas”. A psicologia instrumental pode ser adotada como referência para as análises das interações que ocorrem entre os estudantes em situações de aprendizagem. Tendo em vista que o ambiente natural é a escola, e o organizador do contexto didático é o professor, que por meio de atividades sugeridas media as participações e compartilhamentos nos diferentes momentos, produzindo a interação entre estudantes e demais participantes, a qual resulta em alterações na forma de pensar dos próprios acadêmicos e, conseqüentemente, em suas práticas profissionais e pessoais de vida.

Acredita-se que as interações entre esta(e)s e a(o)s estudantes, representadas pelas atividades escolares, podem ser relacionadas à psicologia instrumental, na medida em que produzem modificações não apenas em seus próprios comportamentos, mas, principalmente, na reorganização de suas estruturas e processos cognitivos superiores.

Com base nessa ideia, pode-se considerar os problemas vivenciados por professores em suas práticas pedagógicas na escola pública, quiçá em escolas da rede privada também, e adequá-la à epistemologia Vygotskyniana, numa transposição para as interações que se

realizam no meio educativo com relação à aprendizagem dos estudantes, entre esses e a(o)s e professora(e)s.

Quanto ao termo “cultural” da psicologia de Vygotsky, Luria (1988) defende que esse aspecto relaciona-se ao meio social em que se organizam as atividades e o tipo de instrumento que a criança utiliza para dominar as tarefas. Nesse caso, o autor considera a linguagem um importante “instrumento”⁴ inventado pela humanidade, cujo papel relevante traduz-se na organização e no desenvolvimento dos processos de pensamento. Nos estudos realizados por Freitas (2009, p. 09), ela afirma que: “A construção individual é o resultado das interações entre indivíduos mediados pela cultura”.

O aspecto cultural de um curso na modalidade presencial difere de um curso na modalidade a distância, sendo que muda, inclusive, a linguagem. As singularidades do meio virtual configuram-se e demandam um novo modelo de participação no curso. Por conseguinte, a questão cultural não pode ser ignorada, tendo em vista que os comportamentos, as atitudes, o grau de comprometimento que se requer maior (nesse tipo de curso), o modo de interação e a participação nas atividades, bem como as mudanças também no perfil do estudante, influenciam a cultura do sujeito e a constituição de sua identidade. A respeito da influência da mudança provocada pelo aspecto cultural sobre o meio, Vygotsky (2003, p. 79) explica:

O ambiente também não é algo totalmente estático, rígido e invariável. Pelo contrário, na realidade concreta não existe um meio único. Ele se divide em uma série de fragmentos mais ou menos isolados uns dos outros, e esses fragmentos podem ser objeto da influência inteligente do ser humano. Em suma, o meio é para o ser humano o meio social, porque quando aparece, com relação ao homem, como meio natural, sempre estão presentes aspectos sociais determinantes.

Assim, o ambiente social escolar é também histórico e cultural. Com relação ao termo “histórico”, Luria (1988) sustenta que este se funde ao termo “cultural”. Em seus estudos com a equipe de Vygotsky, eles concluíram que as funções superiores complexas são organizadas e estruturadas na proporção direta da relação do sujeito com o seu meio histórico e cultural. Em outras palavras, os sujeitos de cada sociedade e de cada cultura têm diferentes organizações dos seus processos cognitivos superiores.

No desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, a linguagem tem um papel importante. Entre os anos de 1928 e 1934, Luria (1988, p. 36), sob a orientação de Vygotsky,

⁴ Aspas das autoras deste artigo

concentrou os seus estudos “em demonstrar a origem social e a estrutura mediadora dos processos psicológicos superiores”. Tomando como referência tais estudos, a autora explica que “as funções psicológicas superiores dos seres humanos surgiram através da intrincada interação de fatores biológicos [...] e de fatores culturais que evoluíram ao longo de dezenas de milhares de anos da história humana” (idem).

Por fim, para complementar a fundamentação teórica dessa pesquisa, é interessante trazer ainda algumas contribuições de Leontiev (2003, p. 63) sobre os princípios do desenvolvimento mental:

O desenvolvimento ontogenético dos animais pode representar-se como a acumulação da experiência individual e uma subsequente adaptação reflexa inata a condições externas complexas e dinâmicas. O caso do homem é completamente diferente. Ao contrário dos animais, o homem tem outro tipo de experiência: a experiência histórico-social.

Nesse sentido, a experiência histórico-social dos estudantes influencia as suas comunicações interativas e transforma o seu conhecimento, resultando na sua própria aprendizagem e desenvolvimento, o que acarreta mudança de suas concepções.

Leontiev (2003, p. 64) afirma ainda que:

Qualquer objeto criado pelo homem – desde o mais simples utensílio à moderníssima máquina calculadora eletrônica – realiza tanto a experiência histórica do gênero humano como as capacidades intelectuais formadas nesta experiência. O mesmo pode comprovar-se com maior clareza na linguagem, na ciência nas obras de arte.

Na sociedade atual, caracterizada pelos avanços da tecnologia de comunicação e informação, as experiências históricas e sociais contribuem não apenas para a academia em si, mas também para o meio social em que vivem os indivíduos e para o que representam. As análises das relações humanas constituídas sob as influências do núcleo social, histórico e cultural, discutidas por Vygotsky (2003), fundamentam-se no materialismo dialético marxista.

A dialética é a teoria da forma pela qual contrários podem ser e habitualmente são (porque assim eles se tornam) idênticos – condições nas quais eles são idênticos mudando-se um no outro – razões porque o espírito humano não deve tomar esses contrários por mortos, fixos, mas por vivos, condicionados, móveis, mudando-se um no outro (LENIN, op. cit. p. 107, apud CHEPTULIN, 1982, p. 289, itálico do original)

Assim, justifica-se a visão dialética (em que a dialética é o diálogo entre contrários) em um meio educativo, visto que o diálogo propicia as comunicações – sejam elas entre os que concordam entre si, ou entre os que são contrários – e configura-se também como ambiente educativo cultural, histórico e social, o qual possui características que podem ser classificadas como dinâmicas e sociais a partir das ações humanas que se realizam em tal ambiente. Na busca do entendimento por meio da comunicação e do diálogo, o ser humano transforma o seu meio social a partir das relações que aí se estabelecem.

A dialética tem papel importante nesse estudo porque as suas leis e categorias dão subsídios para as análises das atividades e estudos dos participantes do GINPEAD, campo no qual se realizaram os estudos aqui apresentados, o que contribui para que mudanças ocorram na realidade e fazeres pedagógicos dos professores da educação básica, membros do grupo, cujas práticas pedagógicas são sempre trazidas durante os estudos e contextualizadas, no sentido de evidenciar quais são os limites e as possibilidades de sua abrangência.

Logo, a concreticidade apontada pelo autor, como um ponto central na relação dinâmica entre o sujeito e o objeto na dialética, pode ser descrita, em outras palavras, como ações concretas do sujeito sobre a realidade e que influenciam a dinamicidade da relação entre o próprio sujeito e o objeto. Acredita-se que tais ações concretas compõem a história do sujeito em suas vivências socializadas com o objeto.

Outros autores, tais como Freitas (2002) e Dias e Leite (2010), alegam que as teorias distintas da sócio-histórica, são a-históricas porque tratam o sujeito de modo abstrato e fora de seu contexto. Na abordagem sócio-histórica, Freitas (2002, p. 4) esclarece:

[...] nas ciências humanas, seu objeto de estudo é o homem, ‘ser expressivo e falante’. Diante dele, o pesquisador não pode se limitar ao ato contemplativo, pois encontra-se perante um sujeito que tem voz, e não pode apenas contemplá-lo, mas tem de falar com ele, estabelecer um diálogo com ele. Inverte-se, desta maneira, toda a situação, que passa de uma interação sujeito-objeto para uma relação entre sujeitos. De uma orientação monológica passa-se a uma perspectiva dialógica. Isso muda tudo em relação à pesquisa, uma vez que investigador e investigado são dois sujeitos em interação.

A ação dialógica do sujeito, seja ele participante do Grupo citado – a saber; o GINPEAD – seja um estudante ou pesquisador, compõe a sua ação dialética sobre o mundo. Nesse contexto, as interlocuções com as teorias Vygotskinianas, além de dialéticas, produzem estudos que, em sua essência, levam ao pensamento dialético, tal qual a interlocução sobre a pré-história da linguagem apresentada no próximo item.

2.2 Interlocução com vygotsky sobre a pré-história da linguagem escrita.

A teoria de Vygotsky (2007) na qual se apresenta a pré-história da linguagem escrita, lança uma reflexão sobre como se dá o processo de escrita para a criança. Segundo esse autor: “Ensinam-se às crianças à desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita” (p.125). Essa forma tradicional de ensinar a escrita a partir de um modo tradicional e mecânico de ler, cujo processo obscurece a linguagem escrita como tal, é criticada por Vygotsky (2007). Este autor citando os estudos de Buhler lembra que a criança começa a desenhar quando já dominou a linguagem falada. Tanto a fala quanto o desenho se processam primeiramente no interior da criança. Vygotsky (2007) explica:

Inicialmente a criança desenha de memória. Se pedirmos para ela desenhar sua mãe, que está sentada diante dela, ou algum outro objeto que esteja perto dela, a criança desenhará sem sequer olhar para o original; ou seja, as crianças não desenhavam o que veem, mas sim o que conhecem. Com muita frequência, os desenhos infantis não só não têm nada a ver com a percepção real do objeto como, muitas vezes, contradizem essa percepção (VYGOTSKY, 2007, p. 135).

Nesse sentido, pode-se comparar com o que o autor supracitado observa em relação à maneira como se ensinava surdos a produzirem letras, de modo tal que não há uma distinção das letras resultando numa fala morta, na qual o indivíduo não se torna capaz de criar uma frase completa.

Vygotsky (2008) acreditava que a linguagem escrita é um complexo sistema de signos e fornece um novo instrumento de pensamento à criança, permite o acesso ao patrimônio cultural da humanidade possibilitando-lhe novas formas de se relacionar com outras pessoas e o conhecimento. Ou seja, a aprendizagem não consiste em adaptar a criança ao meio ambiente, mas na formação de uma personalidade que vá além desse ambiente, como se estivesse ansiosa. Ao mesmo tempo, a criança não precisa ser educada exteriormente, ela deve ser auto educada. Entretanto, Vygotsky (2004) observa que o papel do professor é relevante porque ele é o organizador do meio educativo. O professor promove as interações fundamentais para a transição entre aprendizagem e desenvolvimento da criança.

O autor argumenta que o mais importante é o domínio desse sistema por parte das crianças o que é fundamental para seu desenvolvimento cultural na sociedade letrada. A escrita entendida como mera representação da fala e na alfabetização encaminha o pensamento e a

construção do pensamento referente ao código escrito, centrado na mecânica e na preocupação metodológica para o domínio do código.

A alfabetização é relevante não apenas para o contexto escolar em si, mas para que não ocorra o analfabetismo funcional; situação em que o indivíduo passa pela escola e tem contato com o código, mas não o utiliza na prática como instrumento de inserção social. Não conseguindo ler nem a escrita e nem o mundo que o rodeia, por conseguinte.

Para Vigotsky (2007) o foco na mecânica da escrita causa problemas não só no ensino como também na abordagem teórica desse problema (ensinar a escrita). Assim, fica claro que não se pode alcançar o desenvolvimento da linguagem escrita na criança de forma puramente mecânica e externa. Os estudos Vygotskinianos mostram que as crianças são simbolistas, isto é; possuem um desenvolvimento da escrita a partir dos símbolos. Ao representar um objeto elas não se preocupam em representar na mesma proporção e similaridade.

Quando uma criança libera seus repositórios de memória através do desenho, ela o faz à maneira da fala, contando uma história. A principal característica dessa atitude é que ela contém um certo grau de abstração, aliás, necessariamente imposta por qualquer representação verbal. Nesse sentido, os esquemas que caracterizam os primeiros desenhos infantis lembram conceitos verbais que comunicam somente os aspectos essenciais dos objetos. Esses fatos nos fornecem os elementos para passarmos a interpretar o desenho das crianças como um estágio preliminar no desenvolvimento da linguagem escrita. (VYGOTSKY, 2007, p. 136).

Vigotsky (2007) defende que, ao considerar a escrita como uma complicada habilidade motora, se esquece de que, na verdade, ela é um tipo de linguagem, um sistema de símbolos e signos com características próprias da realidade. Nesse contexto, Vygotsky (2007) enfatiza que a escrita é um sistema da representação simbólica da realidade.

O pesquisador afirma que no início, a linguagem escrita constitui um simbolismo de segunda ordem, pois o sistema de signos designa sons e palavras da linguagem falada, ou seja, simbolismo de primeira ordem, signos de identidade reais e suas relações. Isso significa que progressivamente a linguagem falada deixa de ser elo, de ligação, e a linguagem escrita passa a ter o papel de simbolismo direto.

Para compreender a pré-história da linguagem escrita nas pesquisas de Vygotsky (2007) é necessário considerar o que leva as crianças a escrever. Esse desenvolvimento pré-histórico é composto de três pontos relevantes que devem ser abordados, a fim de se entender a relação dessa pré-história com a aprendizagem da escrita no cotidiano escolar.

Para Vygotsky (2007) a linguagem não tem uma história completa, porém os gestos que a criança faz no ar para simbolizar os signos ou letras são vistos como primordiais para o desenvolvimento da escrita na aprendizagem da criança. O gesto é o símbolo visual para a criança e, nesse gesto, começa a história da futura escrita da criança. Os gestos são a escrita no ar que a criança faz e os signos escritos são os gestos que foram fixados. Os rabiscos que a criança faz nos primeiros momentos acabam sendo a grafia do primeiro instante da criança.

Nesse contexto, o pesquisador afirma que em experimentos realizados para estudar o ato de desenhar, foi observado que as crianças usam a dramatização, utilizando gestos para demonstrar o que gostariam de dizer nos desenhos. Os traços, nestes casos, apenas somam a essa representação gestual. O autor explica que é como se a criança dançasse ou levitasse no papel os seus gestos.

Para Vygotsky (2007) o primeiro domínio em que os gestos estão ligados à origem dos signos são os rabiscos que, nem sempre são compreendidos na escrita em papel. Ou seja, o professor não considera esses domínios, não como uma produção da criança, porque ele está focado na perspectiva do adulto.

Assim, o pensamento de Vygotsky (2007) induz à reflexão e surge a seguinte questão: Qual é o papel do educador nas produções das crianças realizadas no momento atual? Ao educador cabe ser apenas um observador, direcionar corretamente e regular a atividade da criança, no momento certo. Enfatiza-se, todavia, que esse papel do educador como um observador vai além da simples observação, porque segundo o próprio Vygotsky (2004), o professor tem um papel mais relevante que é o de organizar o meio educativo a fim de que o desenvolvimento ocorra e a aprendizagem seja alcançada.

Na sequência do capítulo sobre a pré-história da linguagem da escrita, Vygotsky (2007) destaca o papel importante do simbolismo no brinquedo. Nessa visão o brinquedo tem a conotação de jogo. Ou seja, o jogo simbólico infantil pode ser entendido como um sistema de linguagem muito complexa que, mediante gestos, informa e indica o significado dos vários brinquedos.

Vygotsky (2007) sugere: se o educador observar uma criança numa caixa de areia, por exemplo, ou noutra lugar brincando com algum objeto que poderia ser grampos de prender roupas, percebe-se que ela própria vai atribuindo outros nomes, como: monstro ou animais, assim essa criança vai criando a simbolização.

Desse modo, pode-se entender que esse domínio, relatado pelo pesquisador, une os gestos, e a linguagem escrita é dos jogos. Os jogos de faz de conta das crianças. Neste caso, para as crianças, alguns objetos podem de pronto, denotar outros, substituindo-os e tornando-

se seus signos. Para Vygotsky (2007) a chave de toda função simbólica do brinquedo das crianças é a utilização de alguns objetos como brinquedos e a possibilidade de executar, com eles, um gesto representativo.

No pensamento Vygotskiano somente com base nos gestos indicativos o brinquedo adquire o seu significado; como o desenho que, apoiado no princípio pelo gesto, se converte em um signo independente. Só a partir dessa perspectiva podem ser cientificamente explicados dois fatos que, até agora, carecem da explicação teórica adequada, como segue.

Na perspectiva do pensamento de Vygotsky (2007), o primeiro fato para a criança que brinca: tudo pode ser tudo. A explicação desse fato está em que o próprio objeto, por si mesmo, adquire a função e o significado do signo, isso em razão do gesto que lhe atribui tal significado. Disto se segue que o significado reside no gesto, e não no objeto. Portanto, é relativamente indiferente a classe de objeto com que a criança lida. O objeto é o ponto essencial de aplicação do gesto simbólico correspondente.

Os estudos de Vygotsky (2007) evidenciam que o segundo fato começa no início das brincadeiras de crianças de 4-5 anos. As crianças combinam entre si “Isto será a casa e isto o prato”, etc. É mais ou menos nessa idade que se forma uma conexão linguística de extraordinária riqueza que explica, interpreta e dá sentido a cada movimento, objeto e ação distintos. A criança, além de gesticular, fala, explica para si mesma a brincadeira, e organiza confirmando claramente a ideia de que as formas primárias da brincadeira não são mais que o gesto inicial, a linguagem com ajuda de signos.

Conforme Vygotsky (2007) a criança traz para o jogo algo que não está ali, mas uma representação. Isto é, a capacidade humana de representação, de evocar a representação. Ou seja, a criança tem a capacidade de representar um evento futuro. Vygotsky (2007) relata que os movimentos das crianças e seus gestos atribuem a função de signo aos objetos e lhes dão significados. Por conseguinte, todas as atividades representativas simbólicas são plenas desses gestos indicativos.

A partir dessas informações, o pesquisador ainda afirma que o simbólico para as crianças pode ser entendido como um sistema muito complexo de “fala” através de gestos que comunicam e indicam os significados dos objetos usados para brincar. É na base desses gestos indicativos que esses objetos adquirem, gradualmente, seu significado, assim como o desenho que, de início é apoiado por gestos e, posteriormente, transforma-se num signo independente.

Vygotsky (2007) sustenta a importância da fala da linguagem que a criança vai comunicando sobre os objetos e que ela vai organizando nesse espaço, que vai juntando essa

questão simbólica ao jogo. Nesse contexto, o autor considera a brincadeira do “faz de conta” como uma das grandes contribuições para o desenvolvimento da linguagem escrita.

As pesquisas de Vygotsky (2007) mostram que é preciso que os educadores pensem como o adulto presencia e cria esses espaços do jogo para que a criança tenha liberdade de criar, encenar, e que ela tenha materiais para utilizar e criar. Discutir o papel do simbolismo, do “faz de conta” é pensar que a presença do adulto tem o papel de mediadora. É crucial nesse momento a mediação. A criança precisa desse recurso representativo para enriquecer mais a sua capacidade própria desse meio e para construir os significados que se tornarão em conceitos espontâneos no conhecimento que será construído a partir de suas funções psíquicas superiores ligadas à ontogenética.

O pesquisador defende a influência que a linguagem exerce sobre os desenhos infantis, e prova que é sobre a linguagem que se edificam todas as formas de simbolismo. Desse modo, para estudar como o simbolismo se edifica sobre a linguagem, Vygotsky (2007) fez uma série de estudos experimentais nos quais propunha que as crianças representassem frases usando signos. Os experimentos demonstraram que as crianças escolares passam da escrita pictográfica para a ideográfica.

Tivemos a oportunidade de observar como o desenho das crianças se torna linguagem escrita real, através de experimentos em que atribuíamos às crianças a tarefa de representar simbolicamente algumas frases mais ou menos complexas. Nesses experimentos, ficou absolutamente clara a tendência, por parte das crianças em idade escolar, de mudar de uma escrita puramente pictográfica para uma escrita ideográfica, onde as relações e significados individuais são representados através de sinais simbólicos abstratos (VYGOTSKY, 2007, p. 137).

Nas anotações, havia a supremacia da linguagem sobre a escrita e algumas crianças transcreviam com um desenho cada palavra da frase citada. Portanto, o desenho é uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal.

Percebeu-se que “os sinais escritos constituem símbolos de primeira ordem, denotando diretamente objetos ou ações e que a criança terá ainda de evoluir no sentido do simbolismo de segunda ordem, que compreende a criação de sinais escritos representativos dos símbolos falados das palavras. Para isso a criança precisa fazer uma descoberta básica – a de que se pode desenhar, além de coisas, também a fala. [...] A compreensão da linguagem escrita é efetuada, primeiramente, através da linguagem falada; no entanto, gradualmente essa via é reduzida, abreviada, e a linguagem falada desaparece como elo intermediário. [...] a linguagem escrita adquire o caráter de simbolismo direto, passando a ser percebida da mesma maneira que a linguagem falada. (Vygotsky, 2007, pp. 140-141).

Esses estudos evidenciam que ao professor cabe o papel de compreender os desenhos da criança e em suas interações com ela, promover esse desenvolvimento, tendo clareza de seu papel mediador e interativo. Não basta, portanto, apenas apresentar as atividades de escrita à criança, é fundamental que o educador tenha o domínio do conhecimento de como se dá o processo de construção do símbolo e da escrita para a criança, a fim de que o mesmo não atrepele esse processo e atue no sentido de contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem.

Por todas essas reflexões, o autor reitera a importância da presença do educador como alguém que vai inserindo, participando desse jogo da criança. Ou seja, cabe ao educador propor reflexões e se colocar como modelo de ação na qual as crianças estão inseridas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de Vygotsky (2007) evidenciam alguns questionamentos tais como: A criança sentirá necessidade de escrever se não for encorajada a escrever suas ideias e pensamentos? Como a criança poderá organizar a escrita e pensamento sem poder escrever seu pensamento?

Por isso a criança deve brincar, jogar, desenhar e dramatizar antes mesmo de ter acesso formal e sistematizado à linguagem escrita. Pois a escrita não é somente necessária para atividades pragmáticas, como ler uma receita culinária. Mais do que isso, ela é uma linguagem, qualitativamente diferente da fala, que organiza o pensamento. O gesto, o desenho e o jogo são formas iniciais de representar o próprio pensamento. E não jogar, e não desenhar, segundo Vygotsky (2007), freia o processo de desenvolvimento da escrita, pois a linguagem escrita é um sistema de signos que representa a linguagem humana necessária.

Verificou-se ao estudar Vygotsky (2004) e as pesquisas de sua equipe “mostraram que a aprendizagem da escrita é mais fácil entre os cinco e os seis anos que os oito e os nove. Logo, a escrita pressupõe certa maturidade das funções” (VYGOTSKY, 2004, p.492). As funções psíquicas superiores são percebidas como as estruturas mentais internas que possibilitam à criança a aprendizagem em razão das interações coletivas e individuais. Assim, não só para a criança a aprendizagem ocorre a partir das interações coletivas e individuais, mas também para o indivíduo adulto, cujas funções psicológicas superiores estão em um grau de maturidade o bastante para essa aprendizagem que ocorre na esteira de seu desenvolvimento.

Concluiu-se que os argumentos de Vygotsky (2007) sobre a aprendizagem e auto treinamento, com relação à escrita, são adequados à época atual mesmo após aproximadamente 80 anos de sua morte. Destaca-se nesses estudos apresentados por Vygotsky (2007) que não se ensina a linguagem escrita. O ensino inicial é do desenho da letra. Assim, o desenho precede a escrita. A escrita representa o real.

Ainda, considerando as ideias de Vygotsky (2004, p. 67) nas quais afirmou que o professor não educa a criança, mas esta educa-se a si mesma, e que o papel do professor é como o trilho dos vagões de um trem, cuja função é dar a direção, portanto, seu papel é “maior” do que apenas organizar o meio didático, é fundamental porque norteia a aprendizagem no trabalho educativo. Portanto, acredita-se que a criança dos contextos escolares de hoje carece dessa direção e interação promovida por seus professores a fim de alcançar a aprendizagem, tanto no treinamento do desenho da letra, quanto na leitura e construção da representação do real para seu efetivo desenvolvimento e aprendizagem.

Dessa forma, o conhecimento não se torna algo fechado, mas sim um lugar criativo, não levando a linguagem escrita viva ao segundo plano. Nesse processo em que não se impõe nada de cima para baixo, as necessidades da criança são levadas em consideração e sua escrita se constitui um resultado oriundo de suas mãos, de sua criatividade e não das mãos dos professores, embora essa criança alcance esse desenvolvimento e aprendizagem inquestionavelmente sob a direção dos educadores.

Espera-se, que estudos como este e com esta reflexão, contribuam para a melhoria do fazer pedagógico de docentes do ensino básico e dos que investigam a teoria Vygotskiniana como no caso do GINPEAD, bem como para outros grupos de pesquisa que estudam a teoria citada.

REFERÊNCIAS

CHEPTULIN, A. **A Dialética Materialista – Categorias e Leis da Dialética**. Tradução: Leda Rita Cintra Ferraz. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

DIAS, R.. A, LEITE, L. S. **Educação a Distância – da legislação ao pedagógico**. Petrópolis: Vozes, 2010.

FREITAS, M. T. de A. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da Pesquisa Qualitativa**. Cadernos de Pesquisa nº 116, p. 21-39, julho/2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14397.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2012.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LURIA, Alexander Romanovich. **Vygotskyi**. In: VYGOTSKYI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nicolaevich. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Tradução: Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 1988.

LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nicolaevich; VYGOTSKY, Lev. Semenovich. Os princípios do desenvolvimento mental e o problema do atraso mental. In: *Psicologia e Pedagogia – Bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento*. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2003. P. 59-76.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A pré-história da linguagem escrita. In: VYGOSTKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Pp.125-145.

_____. **Psicologia Pedagógica**. Edição comentada. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Pp: 63-78.

_____. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. Martins Fontes, São Paulo, 2001.